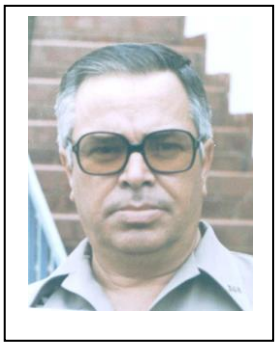
O ESPADIM DE CAXIAS DOS CADETES DO EXÉRCITO

(Jornal Letras em Marcha nº 82,agosto 1978)



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB),do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e correspondente da Acdsemiasde História de Portugal. Espanha,Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaiense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro ,Rio Grande do Sul, Santa Catarina,Ceara Rio Grande do Norte etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras.É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaiense de História,sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra.Integrou a Comissão de História do Exercito 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a proposito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em 1981-1982;E correspondente dos CIPEL, IHGRGS, Academia Sul Rio Grandense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas È sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso

Reportagem do autor no jornal Letras e Marcha, nº82/ago 1978 digitalizado para ser colocada na Internet em Livros e Plaquetas no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB doado em Boletim Especial oo2 de 17 non 2014 a AMAN e integrado ao Programa Pergamum de Bbliotecas do Exército

letras em marcha
Cultura & Noticiário Militar

ANO VII BRASIL, AGOSTO DE 1978 Nº. 82

O Espadim de Caxias

História — Tradições — Simbolismo

Nos últimos 46 anos, desde 15 de dezembro de 1932, inicialmente na antiga Escola Militar do Realengo e, a partir de 1944 na Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende, tem-se repetido anualmente a mais significativa cerimônia militar da vida dos cadetes — os futuros chefes do Exército. É a entrega dos espadins aos cadetes do 1º ano por seus padrinhos ou madrinhas, em ato solene concorridíssimo, tradicionalmente presidido pelo Presidente ou Vice-Presidente da República. Recebem então os cadetes uma cópia fiel, em miniatura, da espada de campanha usada pelo Duque de Caxias — o Patrono do Exército, na pacificação de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul (1842-45) e no comando dos brasileiros nas guerras externas contra Oribe e Rosas (1851-52) e Tríplice Aliança (1865-70).

A cerimônia atinge seu ponto culminante quando os cadetes recipiendários, conscientes do grande simbolismo do ato, proferem em uníssono e com intensa vibração militar estas palavras tradicionais do cerimonial, já repetidas por todos os oficiais atualmente no serviço ativo do Exército e formandos pela EMR e pela AMAN: "Recebo o Sabre de Caxias como o próprio símbolo da Honra Militar."

Tenente-Coronel-de-Engenharia e Estado-Maior
CLAUDIO MOREIRA BENTO
— Especial para **Letras em Marcha** —

O autor é Instrutor da Cadeira de História Militar da AMAN. Membro efetivo do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, da Academia Brasileira de História, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Instituto Histórico e Arqueológico do Paraná e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

O IDEALIZADOR DO ESPADIM DE CAXIAS

O Marechal José Pessoa Cavalcanti de Alburqueque, o grande responsável pela criação do Espadim de Caxias.

Em 19 de novembro de 1931, assumiu o comando da Escola Militar do Realengo o Coronel José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. Oficial de escol, de sua alentada e brilhante folha de serviços prestados ao Exército e ao Brasil destacamos: instrutor militar, em 1916, da Escola de Direito do Largo São Francisco em São Paulo, cujo primeiro diretor e um dos seus fundadores foi o Tenente-General José Arouche de Toledo Rendon; na França (1917-18), estagiário da Escola Militar de Saint-Cyr e combatente voluntário no 4." Regimento de Dragões da Cavalaria francesa, onde foi promovido a capitão por ato de bravura em ações de combate na França e Bélgica; introdutor dos blindados no Brasil, ao organizar e ser o primeiro comandante da Companhia de Carros de Assalto — a unidade blindada pioneira do Exército Brasileiro; idealizou e ajudou a construir a Academia Militar das Agulhas Negras, o maior sonho e realização de sua proveitosa existência a serviço da maior grandeza do Exército e do Brasil. Academia que anualmente, em cerimônia especial, evoca sua memória e grande obra defronte de seu busto colocando em destaque próximo da entrada nobre do conjunto principal.

O Coronel José Pessoa assumiu o comando da Escola após a vitoriosa revolução de 30. Nela teve atuação destacada à frente do 3º RI da Praia Vermelha, em apoio à Junta Militar. No comando da Escola Militar, promoveu as mais profundas reformas de sua longa história (1810-1978). Imprimiu a seguinte filosofia na seleção dos novos cadetes: "A Escola não se destina a corrigir defeitos e vícios e, sim, a aprimorar qualidade e virtudes modeladas nos lares de onde provêm os futuros cadetes". Por decreto de sua inspiração, os alunos da Escola passaram a ocupar o posto privativo de cadete, no sentido de companheiro mais novo dos oficiais e não mais no sentido anterior de 1757 até a República, quando o posto foi extinto por possuir foros de nobreza. Em resumo, conciliou na República a tradição brasileira de 132 anos, ligada ao posto de Cadete, no que este encerrava de padrão moral e distinção nas sociedades colonial e pós-impérial brasileiras. A seguir criou o Corpo de Cadetes como tropa de elite e o Estandarte Escolar, em campo azul turquesa, cor tradicional da Academia, entregue à Escola Militar do Realengo, em cerimônia especial, pelo Presidente da República, Dr. Getúlio Doreles Vargas, imortalizada em óleo existente na Biblioteca da Academia. Posteriormente, criou o uniforme de gala, desde então usado pelos cadetes, com o simbolismo de elo entre o Exército do passado e o do presente.

Tela de I. Rocha Ferreira, da pinacoteca da AMAN, focalizando o supremo instante em que o Presidente Getúlio Dornelles Vargas entregava ao Cadete Antônio Pereira Lyra o primeiro exemplar do Estandarte da Escola Militar do Realengo. Atrás do primeiro mandatário da República, o Coronel José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque e o General de Divisão Leite de Castro, que forneceu os recursos para a confecção do Espadim de Caxias.

A ORIGEM DO ESPADIM DE CAXIAS

Criados os uniformes históricos, julgou o Coronel José Pessoa que eles deveriam ser complementados por uma arma privativa do posto de cadete. Arma que caracterizasse a alta responsabilidade do jovem cadete como chefe do Exército Brasileiro do futuro. Idealizou ratão, com a concordância de iras superiores e aplausos de soa equipe, que esta arma seria uma miniatura fiel da espada usada pelo Duque de Caxias em campanha, "a espada que foi o pilar do Império, a espada de Caxias, que é a espada do Brasil". Desde então ficou decidido que o cadete seria o único integrante do Exército a ter a honra e o privilégio de cingir à cinta a espada de Caxias, "como a síntese e a expressão mais viva e sublime das virtudes militares do soldado brasileiro".

Tudo decidido, o Coronel José Pessoa encontrou um grande obstáculo em localizar a espada de campanha de Caxias, conforme suas próprias palavras: "Porfiadas demarches foram então realizadas para concretizar a feliz ideia. Ignorávamos até então o paradeiro daquela relíquia histórica. Para isso recorreu-se em indagações a todos os lugares onde são destinados os troféus, irai ser encontrada. Afinal, com a preciosa colaboração do Dr. Max Fleiuss, fomos encontra-la, entre outras armas gloriosas, nas coleções do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. E, ainda, com o auxílio do Dr. Max Fleiuss, secretário perpétuo daquela nobre e benemérita Instituição, conseguimos a licença necessária para ser copiada a arma que é a nossa mais preciosa relíquia militar. Assim para ali foi mandado um hábil desenhista que copiou, em rigorosa escala, todos os detalhes daquele rico troféu, magnificamente artesanato em aço e bronze."

A ESPADA DE CAMPANHA DE CAXIAS

Em junho deste ano fomos chamados ao gabinete de nosso Comandante na AMAN, General- de- Brigada Hyran Ribeiro Arnt, e honrados com a citação de esclarecer a atual situação da espada de Caxias, servira de modelo para o Espadim de Caxias dos cadetes, instituído há 46 anos. Tinha certeza aquela autoridade de a

espada de Caxias existe em seu gabinete não era a que servira de modelo aos espadins. Mas, sim, uma espada que fora ofertada em vida ao Patrono do Exército pelo povo brasileiro, em reconhecimento a serviços prestados, e que se encontra junto com seu lenço de pescoço usado em campanha.

Espada que vem sendo parte do cerimonial de entrega dos espadins aos cadetes e confundida, às vezes, com a de campanha, da qual eles foram copiados.

Após pesquisa em diversos instrumentos de trabalho, localizamos artigo do então General José Pessoa sob o título — "Histórico do Espadim de Caxias", **publicado em 1939 na** Revista da Escola Militar. **Ficamos sabendo que há 46 anos e espada de campanha do Patrono do Exército encontrava-se no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Para a sede dessa benemérita instituição — a Casa da Memória acionai — sita à Rua Augusto Severo, 8, na Lapa, Rio de Janeiro, nos deslocamos em 30 de junho para, em nome de nosso Comandante, colher informações atualizadas sobre a relíquia sob sua guarda e, mais ainda, sabermos da possibilidade de a mesma deslocar-se até Resende, em caráter excepcional, em circunstâncias e cerimônias militares de grande Projeção e sentido cívico nacional, à altura do simbolismo representado por nossa maior relíquia militar.**

O professor Pedro, Calmon, gentil e pessoalmente, acompanhou-nos até junto ao que ele também considera a maior relíquia militar brasileira, sob a guarda da quase sesquicentenária entidade que preside, a espada de campanha usada pelo Patrono do Exército para pacificar São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul (1842-45) e no comando dos brasileiros nas guerras contra Oribe e Rosas (1851-52) e da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-70). A relíquia encontra-se em posição de destaque na sala do Museu que a abriga. E, junto a ela, um exemplar do Espadim de Caxias que vem sendo usado pelos cadetes do Exército há 46 anos e cópia fiel da espada gloriosa de Caxias, a espada de Brasil. Ao aproximar-se da espada relíquia o professor Pedro Calmon a reverenciou à moda civil.

Solicitou que o acompanhássemos em sua reverência à maneira militar, como soldado de Caxias. Foi um momento de grande emoção e vibração militar, o contemplar e reverenciar pela primeira vez, a espada desembainhada por Caxias para a conquista da ponte de Itororó, a um tempo só, o mais crítico e mais glorioso da vida do maior soldado brasileiro e sobre o qual já havíamos escrito:

"Batalha de Itororó;"
"Impasse — grande resistência adversária;"
"Impossibilidade total de desbordamento — arroio obstáculo;"
"Tomadas e retomadas da ponte — 400 baixas;"
"Sacrifício supremo dos comandantes — Gurjão, Souza Guedes Machado de Souza, Lopes de Barros e Fernando Machado;"
"Comandantes feridos — Argolo, Deodoro da Fonseca, Barreto Leite, Hermes Eernesto da Fonseca, Ribeiro Lima e Enéas Galvão;"
"Demora da tentativa envolvente de Osório — periga a vitória;"
"Ação de líder de combate de Caxias;"
"Tudo ou nada — cartada decisiva — risco calculado;"
"Ofensiva em prejuízo da Segurança;"
E de suas palavras e atitudes imortais:
"Sigam-me os que forem brasileiros!"
"A cavalo, desembainhou sua gloriosa espada;"
"E projetou-se com ímpeto e a galope sobre a disputada ponte;"
"E todo o Exército acompanhou seu líder;" .

General de Exército Sylvio Couto Coelho da Frota. Dos Cadetes que receberam e usaram o Espadim de Caxias, foi o primeiro a desempenhar as funções de Ministro do Exército.

"Ponte conquistada à viva força;"
"Sua ação pessoal salvou a causa da Aliança;"
"E brindou as armas brasileiras com uma eterna glória!"

Na ocasião foi recordado que o Patrono do Exército, após sua ação pacificadora, fora eleito Membro Honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 23 de março de 1847, com 44 anos e no posto de Marechal- de-Campo. E, mais, que fora colaborador da instituição, ao responder questionário sobre a Batalha do Passo do Rosário (20 de fevereiro de 1827), a primeira interpretação militar brasileira à luz dos fundamentos da Arte da Guerra, publicado em 1857 na revista do Instituto, no transcurso do 30.° aniversário da maior batalha travada em território brasileiro. Trabalho que revela o estudioso de História Militar que foi o Patrono do Exército, desde que frequentou em 1817, como alferes, a cadeira de História Militar da Academia Militar Real criada pelo príncipe Regente D. João e, mais tarde, ao estudar as campanhas de Napoleão, segundo concluiu o Marechal Castello Branco, e a Guerra de Secessão (1861-65) nos EUA, na obra Maritime des États Unis. de Roussillon-Puissance, segundo pesquisa do Marechal Tristão Alencar de Araripe.

LOCAL CONDIGNO PARA A RELIQUIA

Segundo o professor Pedro Calmon, com a decisiva colaboração do Presidente Emílio Garrastazu Médici, ex-comandante da AMAN em grave e decisivo momento da vida nacional, em março de 1964, o Instituto pôde construir sede condigna com seus patrióticos fins. E, assim, expor, cm sala adequada à visitação de seus compatriotas, a espada de Caxias, fato até então impossível pela pobreza, falta de segurança e precariedade das antigas instalações. A espada acha-se bem conservada e próxima de outra relíquia, o binóculo usado por Caxias em campanha. Binóculo que o ajudou a planejar e conduzir suas vitoriosas manobras envolventes de Humaitá e Piquiciri, passaportes seguros para seu ingresso na galeria dos maiores capitães da História da Humanidade.

Por nosso intermédio, o professor Pedro Calmon, velho e fiel amigo da AMAN, onde no passado ministrou aulas inaugurais, franqueou o museu à visitação dos cadetes que cingem em suas cinturas a miniatura da espada de campanha de **Caxias — a espada do Brasil.**

O escrínio que abriga a espada de Caxias, segundo o General Jonas Correia, Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, foi oferta da Escola Militar de Realengo, em 1939, por inspiração de seu comandante — Coronel Álvaro Fiúza de Castro.

CAXIAS DOA SUA ESPADA A SEU CHEFE DE ESTADO-MAIOR

O professor Pedro Calmon confirmou que a espada de Caxias que integra o acervo da instituição que preside é a que o Patrono do Exercito usou em campanha como oficial-general. A que usou até coronel, inclusive na pacificação do Maranhão, integra o acervo do Museu do Exército, ora funcionando no prédio de onde o Marechal Deodoro da Fonseca saiu na manhã de 15 de novembro de 1889 para o Campo de Santana (atual Praça Duque de Caxias) para proclamar a República.

A espada de Caxias existente no gabinete do Comandante da AMAN, ricamente trabalhada em ouro, foi ofertada ao Duque em reconhecimento aos relevantes serviços prestados, como soldado, à preservação da Unidade, Soberania e Integridade brasileiras.

Caxias doou sua espada de campanha, cm testamento, ao Brigadeiro João de Souza da Fonseca Costa, que fora, como 1º tenente, seu ajudante de ordens na Guerra contra Oribe e Rosas e, como coronel, seu Chefe de Estado-Maior de campanha na Guerra da Tríplice Aliança, no período 1866-68, função criada pelo então Conde de Caxias em 1851 e que teve como primeiro titular o Coronel Miguel de Frias de Vasconcellos, o qual, como major, havia chefiado, em 3 de abril de 1832, uma insurreição que culminou com sua tentativa de proclamar a República Federativa do Brasil, no mesmo local onde ela seria proclamada efetivamente, quase 57 anos depois, pelo Marechal Deodoro. Coube a Caxias, então major, dispersar e neutralizar a insurreição do Major Frias, posteriormente seu amigo, dedicado colaborador e homem de confiança na Revolução Farroupilha e na Guerra contra Oribe e Rosas. Sobre o valor militar de seu prestimoso auxiliar, Coronel Fonseca Costa, ao qual doaria, como já dissemos, sua espada de campanha, assim se expressou Caxias em Ordem do Dia de 14 de junho de 1869, antes de retornar ao Brasil:

"Prestou-me como chefe de meu Estado-Maior a mais dedicada cooperação em tudo quanto tem dependido de seu alto emprego, não só na condução regular de todos os negócios de meu serviço público a seu cargo, como nas batalhas e combates a que tem assistido sempre a meu lado, recebendo e transmitindo as minhas ordens e expondo-se com sangue frio e abnegação aos riscos e perigos decorrentes."

A espada de campanha de Caxias foi localizada pelo Dr. Eugênio Vilhena de Morais, seu maior biógrafo e ocupante, no justituto de Geografia e História Militar do Brasil, da Cadeira cujo Patrono é o bravo de Itororó.

A espada de Caxias encontrava-se em poder de descendente direto do antigo chefe de Estado-Maior de Caxias e também Visconde da Penha — oficial de nossa Marinha de Guerra — capitão de Corveta Caetano Taylor da Fonseca Costa. Esse oficial, em gesto nobre e patriótico, decidiu doar, em 1925, a valiosa relíquia, através do Dr. Vilhena de Morais, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde se encontra há 53 anos. Dali, a espada saiu uma só vez, em meio a cerimônia

condigna, com permissão do Dr. Max Fleiuss, fruto de gestões do então Major Jonas Correia, para ser colocada defronte da formatura do Corpo de Cadetes em Realengo, ao lado da espada do General San Martin, trazida em 1939 da Argentina pela Escola Militar daquela nação irmã, por ocasião de visita à nossa Escola Militar. E, do local onde se encontra, segundo o professor

Pedro Calmon, somente sairá em condições excepcionais de alto sentido cívico e com cerimonial condizente com a grandeza do simbolismo que ela traduz, ouvida em cada caso toda a Casa que preside. Talvez em 1982, quando do cinquentenário da primeira entrega de espadins aos cadetes do Exército se possa justificar sua viagem até Resende; ou, de igual forma, quando um dos milhares de cadetes ex-detentores do Espadim de Caxias for o primeiro a atingir a Chefia da Nação e, cm consequência, o Comando Supremo das Forças Armadas do Brasil, circunstância na qual o Espadim de Caxias que usou como cadete poderá sair de circulação e passar a integrar o Museu da AMAN.

PRIMEIRA CERIMONIA DE ENTREGA DE ESPADINS: 1932

Copiada a espada de Caxias, o Projeto Espadim foi submetido à aprovação do Ministro da Guerra, General José Fernandes Leite de Castro (1930-32), oficial que, como o Coronel José Pessoa, era veterano da Primeira Guerra Mundial. Havia combatido, como tenente-coronel, no 120° Regimento de Artilharia Pesada do 20° Corpo do Exército Francês, de 2 de setembro de 1918 até o Armistício. Os ensinamentos que colheu os transferiu ao Exército Brasileiro em artigo — "Ensinamentos técnicos e táticos de Artilharia da Grande Guerra", publicado no Boletim Mensal do Estado-Maior do Exército (1911-23) — Mai/Jun 1919. Desejaram o General Leite de Castro e o Coronel José Pessoa que "Caxias, o Duque da Vitória, pairasse no seio dos cadetes do Brasil de igual forma que Napoleão no seio dos cadetes de Saint-Cyr na França."

O Ministro Leite de Castro aprovou e concedeu crédito correspondente para a confecção dos espadins. Foram remetidos os desenhos e recursos para o Coronel José Duarte Pinto — Chefe da Missão Militar Brasileira na Europa. O Coronel Pinto "com desvelo e entusiasmo cumpriu a missão", encomendando a confecção à firma alemã Solingen. Em outubro dc 1932 os Espadins chegaram ao Brasil. Em 6 de dezembro pelo BI n." 288, foram incluídos na carga da Escola Militar do Realengo. Mais tarde, foram organizadas as "Instruções para recebimento c uso do Espadim de Caxias", ao que se sabe, publicadas somente em 1938, no BI nº 148.

Em 15 e 16 de dezembro de 1932, teve lugar a primeira cerimônia de Entrega dos Espadins aos cadetes. Cerimônia desdobrada em duas fases. Dia 15 de dezembro no âmbito da Escola, com solenidade de entrega dos espadins a todos os cadetes que pela primeira vez proferiram estas palavras do cerimonial, inalteradas de lá para cá — "Recebo o Sabre de Caxias como o próprio símbolo da Honra Militar". No dia 16 de dezembro, em solenidade pública na Praça Duque de Caxias, atual Largo do Machado, defronte do monumento do Patrono do Exército, teve lugar o Juramento do Espadim pelos cadetes, em presença do Dr. Getúlio Vargas, chefe do Governo Provisório do Brasil, ministros, generais, adidos militares e representações de oficiais de todas as unidades da guarnição do Rio de Janeiro. Segundo o General José Pessoa, "a cerimônia teve início com as bandas tocando o antigo toque de alvorada, o mesmo que, nos campos do Paraguai, despertava os nossos gloriosos regimentos. Toque que terminou com o de "Apresentar armas". Quando profundo era o silêncio da grande assistência, ouviu-se a voz de um oficial,

lendo com vibração as palavras sacramento do juramento, no que era acompanhado pelos cadetes, que tinham os olhos fixos no semblante quase austero de seu Patrono e pareciam iluminados peia famosa estrela que guiou sempre aquele guerreiro de vitória em vitória, e que certamente há de guiar as novas gerações, através dos caminhos ásperos da vida. Neste instante ecoou o troar dos canhões e o rufar surdo dos tambores, anunciando a criação de uma nova arma, representativa das virtudes dc nossos antigos combatentes. Seguiu-se a leitura do Boletim Alusivo do Comando da Escola n° 297, de 16 de dezembro 1932..." E prossegue o Coronel José Pessoa, o idealizador da Academia Militar das Agulhas Negras e de suas mais caras tradições: "Assim terminaram as solenidades da primeira Entrega e Juramento do Espadim de Caxias, fato de tanta significação para a Escola Militar e para a História do Corpo de Cadetes que, certamente, entre outros, não poderá jamais esquecer tal acontecimento. Não temos dúvidas de que as novas gerações, educadas sob o signo de Caxias, estão fadadas a mudar os hábitos e a construir o destino de grandeza do Exército, formando uma mentalidade homogênea de chefes que, a exemplo de seus antepassados, não permitirão o esquecimento das nossas nobres tradições militares"

Humberto Pinheiro de Vasconcellos, o Tenente herói, que num gesto de bravura, altruísmo e sacrifício foi homenageado com a retirada de seu Espadim de Caxias de circulação.

SIMBOLISMO DO ESPADIM DE CAXIAS

O Coronel José Pessoa mandou gravar na lâmina dos espadins as palavras Duque de Caxias e o Brasão de Armas da Escola Militar "no qual brilha refulgente o sol de Itororó", o maior momento do Patrono do Exército e de sua espada em campanha. "Conjunto simbólico representando um talismã, guia dos cadetes para uma vida de grandes sucessos, de amor ao Exército e de fidelidade à Pátria Brasileira." Pelas instruções baixadas pelo Coronel José Pessoa, "os Espadins dos cadetes, constituindo um conjunto de elevado teor mora, deveriam ficar ligados ás vidas de seus detentores através dos tempos, por uma ficha histórica com o número de cada uma dessas armas, que deveria levar a assinatura de cada um de seus detentores. E, finalmente, uma honrosa homenagem: sempre que um ex-detentor do Espadim de Caxias, distinguir-se em sua vida pública, por um gesto de sacrifício ou serviço excepcional, de real valor para o Exército ou para o Brasil, ou em benefício da Humanidade, seu Espadim, com o respectivo número, deve ser retirado de circulação e recolhido ao Museu Escolar, com a ficha respectiva, nela inscrito, em letras vermelhas, o motivo que determinou sua retirada de circulação."

O General de Brigada Sinval Senra Martins, primeiro Oficial formado integralmente pela AMAN a atingir os louros do generalato.

Foram distinguidos com a retirada de circulação de seus Espadins, por gestos de sacrifício de real valor, os seguintes ex-detentores:

Espadim nº 496, que pertenceu ao Aspirante Humberto Pinheiro de Vasconcellos. Motivo: ao ministrar uma instrução do 3º BC (Vitória, ES), o Aspirante Vasconcellos teve despedaçada sua mão por uma granada, ao mantê-la na mão, com o braço para fora da janela, para que não viesse a explodir na sala onde ministrava instrução ou a atingir algum companheiro no pátio do quartel. Legou assim um belo exemplo de coragem e abnegação, engrandecendo a Escola que o acabara de formar.

Espadim n? 289, que pertenceu ao 1? Tenente de Artilharia Alípio Napoleão de Andrada Serpa. Motivo: ato de bravura praticado durante o torpedeamento, nas costas do Nordeste, do navio "Itagiba" que transportava sua Unidade para Olinda-PE. O Tenente Alípio morreu na ocasião. A turma de 1943 egressa da Escola Militar do Realengo foi batizada com seu nome. É irmão dos atuais Generais de Exército Andrada Serpa, ex-combatentes da FEB como capitães de Artilharia e atuais Chefes dos Departamentos de Ensino e Pesquisa e do Departamento Geral do Pessoal, do Exército .

Espadim nº 1002, que pertenceu ao Aspirante Francisco Mega. Motivo: morte em combate na Itália, integrando o 1º RI — Regimento Sampaio. Foi o primeiro oficial formado pela Academia Militar das Agulhas Negras a tombar em combate. Em sua memória foi erigido monumento defronte da Academia, onde, anualmente, os novos cadetes da Arma de Infantaria prestam o solene Juramento do Infante. Leva seu nome a turma egressa da Academia em fevereiro de 1955, a qual tenho a honra de integrar. Seu espadim, retirado de circulação, está sob a guarda do Curso de Infantaria da AMAN.

Além desses, foi retirado de circulação o Espadim n° 103, que pertenceu ao Gen Bda Sival vai Senra Martins, cadete em 1945, aspirante em 1947 e general em 1977. Motivo: foi o primeiro cadete que cursou integralmente a AMAN a galgar o posto de oficial-general. Seu espadim está sob a guarda do Curso de Intendência, que Integrou como cadete e instrutor..

É provável que a homenagem venha a ser estendida ao primeiro general formado integralmente pela AMAN e que seja o primeiro a comandá-la nesta condição, bem como ao primeiro Ministro do Exército e Presidente da República ex-detentores do Espadim de Caxias.

General de Exército João Baptista de Oliveira Figueiredo. Dos Cadetes que receberam e usaram o Espadim de Caxias, será o primeiro a chegar à Presidência da República.

A AMAN tem conferido simbolicamente o Espadim de Caxias a personalidades a ela ligadas ou a suas congêneres estrangeiras, sem que o número do Espadim respectivo saia de circulação. O número do Espadim de Caxias usado por .cada ex-detentor consta em suas alterações. E já é prática os cadetes pleitearem e conseguirem cingir os espadins que foram usados por seus avós, pais e irmãos.

O VALOR DA HISTÓRIA E DA TRADIÇÃO

Em 1939, o General José Pessoa, assíduo colaborador de nossas revistas militares em assuntos de História e Doutrina Militar, escrevia na Revista da Escola Militar: "O Espadim de Caxias do Corpo de Cadetes, ainda quase sem história pela sua apoucada existência, nem por isso devemos olvidar-lhe fatos que hoje sabidos, mais tarde será difícil reconstituí-los. Haja vista o exemplo histórico da nossa lendária Escola Militar Real, da qual mal se sabe ter sido fundada por D. Jo3o VI."

Como pesquisador e estudioso de História, nossa homenagem ao Marechal José Pessoa que, além da obra magnífica ligada à idealização e construção da AMAN, o maior sonho de sua vida e na qual passou as suas últimas vinte e quatro horas na ativa, preocupou-se em preservar sua História e Tradições, ao documentá-las, com depoimentos,em artigos em nossas revistas militares. Tudo para que não viesse a acontecer o mesmo que assinalou relativamente à Academia Militar Real, raiz histórica da AMAN.

Estava convicto o Marechal José Pessoa de que a História "é a mestra das mestras, a mestra da vida" e a mãe da Tradição. E que. sem documentação, não há História e nem Tradição que resista á ação dos tempos. E, mais que povo ou grupo social sem tradição, ou que se a possui não a cultiva, é flor sem perfume, é espada sem têmpera que quebra ao primeiro embate, é nau sem bússola, à deriva na tempestade, que não sabe de onde veio, onde está e para onde vai.

Soube o Marechal José Pessoa construir e preservar, através dos cadetes do Exército, a tradição contida em seus Espandis, cópias fiéis da espada de rija têmpera moral e cívica, tal qual a do aço de que foi forjada — a espada de campanha ,de Caxias. O Pacificador — a maior espada do Brasil. Espada que figura com destaque entre as dos maiores generais da História da Humanidade.

Por ocasião da cerimônia de abertura, em 17 de julho de 1978. na sede do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do I Colóqui Internacional da Segunda Guerra Mundial, a espada de Caxias foi exposta em local de destaque no recinto da cerimônia. Junto a ela estava um espadim usado pelos cadetes, ofertado àquela casa pelo Gen Ex Antônio Jorge Correia, quando Ministro Chefe do EM-FA e em sua qualidade de antigo Subcomandante da AMAN. A cerimônia foi presidida pelo Vice-Presidente da República, General Adalberto Pereira dos Santos, ex-combatente da FEB e ex- Comandante da AMAN (1960-62). Contou mais com a presença de três ex-Comandantes da AMAN, Generais Alfredo Souto Malan, Carlos de Meira Mattos e José Fragomene, além de grande número de ex-combatentes da FEB e historiadores civis e militares brasileiros.

★★★

APÊNDICE

Boletim n" 297. de 16 de dezembro de 1932, da Escola Milhar do Realengo alusivo à Primeira Cerimônia de Juramento do Espadim de Caxias, de fronte do Monumento de Duque de Caxias.

"Cadetes!

"Defrontando a estátua do Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, aquele que em vida, maior dos generais sul-americanos, acabais de prestar o compromisso do recebimento do vosso espadim — arma-distintiva que reproduz o sabre glorioso do invicto saldado, que com atos de sublimada grandeza esmaltou com refulgência as páginas gloriosas da História nacional, marcando-as Retratos imperecíveis e assinalando o seu nome como o do cidadão que melhor serviu a Pátria e mais a estreme;

"Vosso patrono e vosso guia, não podíeis faltar a render-lhe as vossas margens, quando cingis primeira vez, aos nossos soldados, o sabre glorioso de sua destra mão. Mostrou sempre aos nossos soldados intemeratos o caminho

"Ante o bronze majestoso que a gratidão do povo erigiu cm testemunho de reconhecimento a serviços que crescem dc valor com o correr dos anos vindes, cumprindo dever que ufana e dignifica, pagar o tributo de vossa admiração ao legendário soldado que, dc cadete como vós, culminou a hierarquia militar e nas dignidades honoríficas, integrado na sua profissão, por ela sempre enfeitiçado e, passo a passo, ascendeu na sua carreira, pelo seu valor, pela sua coragem e pelo seu acendrado patriotismo!

"A espada que foi esteio de um regime, que em rudes prélios cimentou a unidade nacional e, em terras estranhas, acutilou bravamente os inimigos do Brasil, tendes hoje a honra e a rara fortuna de a cingirdes à cinta, outorgado ao Corpo de Cadetes o encargo de guardar aquele sabre glorioso que reflete, no brilho espelhante do seu aço, a constância no dever e que nunca a ferrugem da deslealdade, de leve, sequer maculou, em meio século de intenso batalhar em prol da ordem e do prestígio desta terra estremecida, a que ele serviu com inexcedível dedicação e bem alto a elevou no conceito das nações!"

"Na homenagem que aqui prestais, — vossos espadins em continência, não reverenciais somente o vulto homérico do general nunca vencido, que enriqueceu de imarcescíveis louros o Exército Brasileiro e iluminou de fulgências gloriosas uma época da vida nacional!"

"Saudais, também, esse passado venerando de glórias e dc virtudes, que é o orgulho do nosso povo, escrínio precioso de lições de nobre civismo e onde o nome imortal do legendário Duque dc Caxias esplende, aureolado, em meio a uma coorte de gigantes, batalhadores devotados de um Brasil forte e generoso, que se alça na plana maior das primeiras nações do mundo, admirado pelo seu progresso e pela sua cultura."

"E, particularmente, para vós cadetes, que sois as ridentes esperanças do Exército do Brasil — as armas que abateis, apontadas para o solo sagrado da Pátria, rendendo preito sincero de admiração ao grande soldado que foi o símbolo augusto das nossas virtudes militares, juram pela vossa eterna fidelidade aos ditames da honra e do dever, e pela rigorosa observância aos exemplos que nos legou o primeiro dos generais de nossa Pátria, cuja vida será o vosso modelo e cujo nome venerado será o clarim vibrante a acender os vossos entusiasmos nas lutas sem tréguas pelo bem e pela grandeza do Brasil!"

Cel Jose Pessoa Cavalcanti de Albuquerque,
Comandante da Escola Militar do Realengo"

★★★

FONTES CONSUL TAPAS

1. **AMAN. São Paulo, Graf. ASBAHR, 1961 (Colaboração da FIESP ao Sesquicentenário dc criação da Escola Militar Real, cm 1810).**

2.____, Revista sua boa estrela. São Paulo, Mercedes Benz, n° 27, 1970. (Número especial dedicado à AMAN).

3. ALBUQUERQUE, José Pessoa Cavalcanti, Gen. Histórico do Espadim de Caxias. Revista da Escola Militar, Rio — Realengo, 1939. (as transcrições no texto do artigo foram extraídos deste trabalho).

4. ARARIPE, Tristão Alencar dc, Cel. O Estado-Maior dc Caxias. Nação Armada, 17, Abrl941,p. 26.

5. BENTO, Cláudio Moreira, TEn Cel. Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro. Brasília, EME, 1978.

6. CALMON, Pedro. Espadas do Brasil. Nação Armada, 24 pp. 21-26.

7. CORREIA NETO, Jonas, cad. Glória te seja Espadim de Caxias. Revista da Escola Militar de Resende. 1944, 52.

8.PEDREIRA, José. Rv Resende em Revista. Volta Redonda, 1975.

**9.PESSOA, Antônio João, cad. Marechal José Pessoa o idealizador da AMAN. Jornal
Agulhas Negras, Resende, Ed. Acadêmica, 1977. (O autor é bisneto do Mal José Pessoa).**

10. REZENDE, Moacir Lopes de, Gen. História da AMAN. Resende. Ed. Acadêmica. 1976. (O autor foI professor de História Militar na AMAN).

11. RUAS SANTOS, Francisco, Maj. índice Analítico in:FRAGOSO, História da Guerra da Tríplice Aliança e o Paraguai. Rio, Bibliex, 1958. v. IV (Ref. a João de Sousa da Fonseca Costa, Chefe do EM de Caxias).

12.Boletins Internos da AMAN

BI N° 288, de 6 de dezembro de 1932 — Inclui os primeiros espadins em carga.

BI N° 297, de 16 de dezembro de 1932 — Ordem do Dia alusiva à primeira entrega e juramento dos espadins pelos cadetes.

BI. N° 141 — 1938 — Regula o uso dos espadins.

Bi N° 157 — Regula o fornecimento de espadins a cadetes falecidos.

letras em marcha

Cultura & Noticiário Militar
Propriedade de Letras em Marcha Editora Ltda.

Diretor-Presidente
Joaquim Victorino Portella Ferreira Alves

Diretor-Superintendente
Cel. A. Ivan Zanoni Hausen
Diretor-Responsável
Jornalista Augusto Lopes Villas-Boas
Diretor-Secretário
Capitão-de-Fragata (FN)
Raymundo Pinto da Luz Furtado
de Mendonça

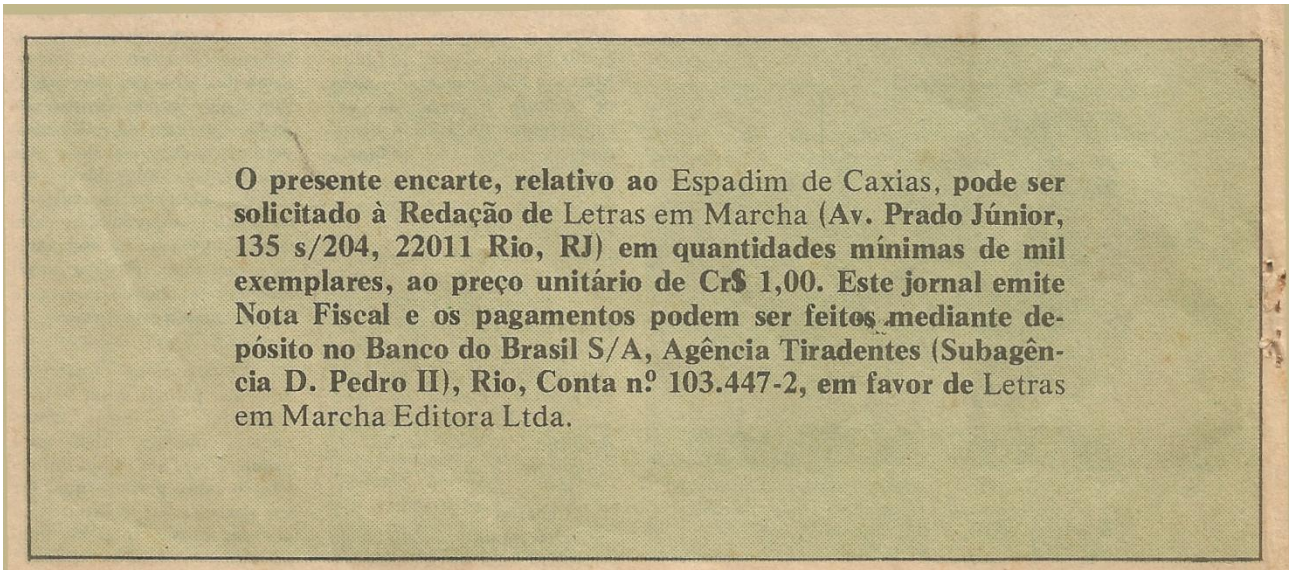
Editor-Chefe
Ten. Cel. Neomil Portella
Ferreira Alves
Editor de Desportos
Ten. Cel. Ilo F.M. de Barros Barreto
Diretor-Adjunto
Jornalista Affonso Gil

Os integrantes da Diretoria deste jornal não são remunerados

Redação e Administração
Av. Prado Júnior nº 135, S/204 - 22011 Rio (RJ)
Tels.: 275-4545 e 286-0503

Exemplar avulso: Cr$ 12,00 Publicação mensal

Composto e impresso nas Oficinas da Gráfica e Editora Jornal do Comércio
Rua do Livramento 189/203 — Rio de Janeiro — TEL: 243-7671



O presente encarte, relativo ao Espadim de Caxias, pode ser solicitado à Redação de Letras em Marcha (Av. Prado Júnior, 135 s/204, 22011 Rio, RJ) em quantidades mínimas de mil exemplares, ao preço unitário de Cr$ 1,00. Este jornal emite Nota Fiscal e os pagamentos podem ser feitos mediante depósito no Banco do Brasil S/A, Agência Tiradentes (Subagência D. Pedro II), Rio, Conta nº 103.447-2, em favor de Letras em Marcha Editora Ltda.

Nota do autor em 2017: Em 1978 e 1980 na qualidade de instrutor de Hiatória Militar na AMAN e historiador membro do Instituto Histórico e Geografico Brasileiro (IHGB) fomos encarregados se comandar uma Guarda de Honra e de Segurança integrada por cadetes, para transportar com pompa e circunstância a invicta espada do Duque de Caxias do IHGB a AMAN para participar de cerimônias na AMAN , sendo que em 1980 para a comemoração centenário da morte do Duque de Caxias pelo Exército e realizada na AMAN.

E como Diretor do Arquivo Histórico do Exército 1985/1990, com auxilio do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro adaptamos velho cofre descarregado que existia no Arquivo para o IHGB em seu Museu guardar com segurança aquela preciosa relíquia que era guardada no cofre do IHGB misturado com diversos outros itens, o que feria nossos sentimentos de soldado. E lá espero a relíquia esteja bem guardada e em segurança num cofre com segredo.

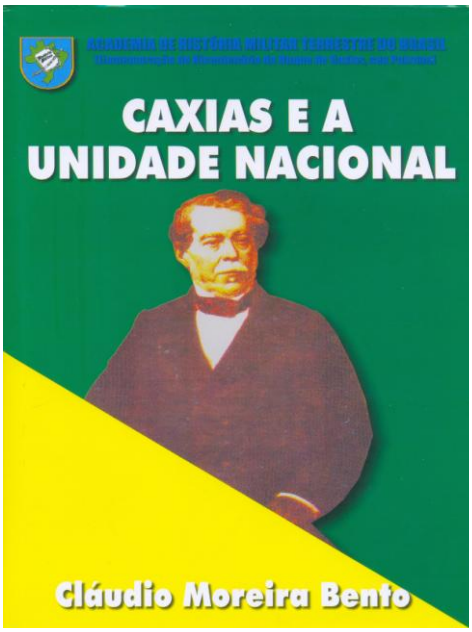
Ao fundarmos em 1996 a Academia de História Militar Terrestre do Brasil no brasão da AHIMTB nele colocamos a invicta espada de Caxias . E desde então foi consagrado patrono de toda e estrutura da AHIMTB por seu pioneirismo em realizar uma análise militar crítica da Batalha do Passo do Rosário para o IHGB do qual era sócio honorário e por seu pionerismo numa Doutrina Militar Terrestre Brasileira , ao adaptar às realidades operacionais brasileiras que ele vivencira em 4 campanhas pacificadoras e uma guerra esterna, a Doutrina de Portugal. Ate que nosso Exército dispusesse de uma doutrina autêntica.

Em 2003, no Bicentenário do Duque de Caxias publicamos nossa biografia sobre Caxias Militar Caxias e a Unidade Nacional ,patrocinada por oficias que contribuíram para a publicação e editada pelo hoje Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Eng Agrônomo Flavio Camargo, por esta razão e outras contribuições relevantes elevado Acadêmico Benemérito.

Em 2010 no Anuário, da AMAN , publicamos a biografia ate então desconhecida Chefe de Estado –Maior de Caxias na Guerra do Paraguai, ao qual, em testamento deixou´-lhe suas armas e inclusive sua espada invicta e cavalos. Espada que ele levou com ele para a França e que de retornou ao Brasil depois da 1ª Guerra Mundial e que foi doada em 1925 ao IHGB ,por descendente do herdeiro da relíquia por mediação .

Faço este retrospecto em razão da memória histórica ir aos pouco se apagando na memória do Exército.Haja visto o que fez o Marechal José Pessoa em 1939 . ao escrever sobre a História do Espadim 8 anos depois de sua criação sob o argumento do

esquecimento de suas origens e escreveu :"Acha visto o que aconteceu com a Academia Real Militar que apenas se sabia que ela existiu."



A esquerda foto do autor em 1980 tendo em mãos no IHGB a invicta espada de Caxias, para transportá-la pela 2ª vez a AMAN, no Bicentenário do Duque de Caxias em 198o e a direita a capa de livro do autor em 20O3 Bicentenário do Duque de Caxias